

Vídeo revela intimidade entre major Alfredo Reinado e a polícia da ONU

# Timor adiado

MICAEL PEREIRA

**O** retrato bipolar e amoral do que tem sido Timor nos últimos dois anos cabe em poucos minutos de imagem: um oficial da UNPOL, a polícia das Nações Unidas, bate a pala a um homem armado sobre o qual pende um mandado de captura por homicídios, posse ilegal de arma e crime de rebelião, fazendo-lhe depois uma visita guiada pela esquadra, mostrando-lhe os cantos à casa, como se fosse sua, para pôr e dispor (ver vídeo em [www.expresso.pt](http://www.expresso.pt)).

A cena foi filmada no Verão passado em Same, meses depois do combate sangrento com as forças australianas nas montanhas ali à volta, e faz parte de um dos muitos vídeos que o major Alfredo Alves Reinado fez desde que abandonou

o posto de comandante da polícia militar de Timor-Leste em Maio de 2006 para se assumir como o líder de uma revolta de 600 desertores do exército. Agora que também se tornou, na segunda-feira passada, o principal actor de um duplo atentado ainda por esclarecer ao primeiro-ministro e ao Presidente da República, no qual o rebelde perdeu a vida e Ramos-Horta esteve quase a perdê-la, essas imagens ganham uma força redobrada.

Reinado não foi parvo: deu uma cópia do vídeo aos advogados, como prova da sua vida social de fugido à justiça.

Enquanto a tese de sequestro falhado ganha solidez, é cada vez mais ténue a certeza de que as forças internacionais australianas e a própria UNPOL tenham estado desde a primeira hora empenhadas em capturar os homens do major que fugiram da casa do Presidente e de Balibar, onde um segundo grupo de rebeldes, uma hora depois, acabaria por disparar sobre o carro do primeiro-ministro, Xanana Gusmão.

**“REINADO ERA O HERÓI DOS JOVENS, MAS RAMOS-HORTA ERA O AVÔ. ERA O CAOS SE MORRESSE”**

Os controlos de estrada nas saídas da capital foram montados apenas 12 horas depois dos atentados, já noite, segundo o Expresso apurou. Por outro lado, Becora, o único bairro de Díli onde é provável que os 20 rebeldes em fuga se fossem esconder não foi vasculhado. Da casa de Ramos-Horta, em Metiaut, não há alternativas de fuga, uma vez que fica num entroncamento, onde um dos caminhos vem do centro da cidade e os outros vão desembocar na estrada para Baucau, passando em frente a um quartel das forças armadas timorenses.

O único desvio é Becora, que se mantém como reduto sólido dos apoiantes de Reinado. Leandro Isaac, ex-deputado que andou no mato com os rebeldes em 2007 e os conhece bem, acha que terão ficado na casa de alguém até ser noite. O Exército australiano montou uma operação de captura mas a vários quilómetros dali, em Dare, e apenas três dias depois. “Já ninguém os apanha e a cada dia que passa é pior”,

diz Isaac. “A história vai repetir-se.”

José Sousa Santos, um especialista em grupos de jovens violentos que trabalha nos bairros de Díli há seis anos, diz que Becora é uma ilha difícil de penetrar. “Ali só manda o João Becora”. No resto dos bairros, os apoiantes do major andam confusos. Em Março do ano passado foram aos milhares para a rua queimar pneus como forma de protesto por Reinado estar a ser atacado pelos australianos nas montanhas, mas desta vez estão calmos. “Nunca vi nada assim”, diz José Santos, que é actualmente consultor do Conselho Norueguês de Refugiados e tem passado as últimas noites um pouco por toda a cidade. “Estão muito tristes pelo Presidente Ramos-Horta, a quem chamam avô. Reinado era o herói deles, mas Horta era o avô. Se morresse, seria o caos. Horta era o único político que vinha aos bairros de microleite e com apenas um segurança. Admiram-no”.

As provocações, no entanto, começaram. Na quinta-feira à noite, um carro an-

## “Pela 1.ª vez, liguei a Xanana”

**Alkatiri, líder da Fretilin e ex-primeiro-ministro, revela que o caso Reinado ia ser discutido esta semana entre todos os partidos**

Foi num momento extremo, a seguir a tomar conhecimento dos atentados contra o Presidente da República e o primeiro-ministro na segunda-feira, que o secretário-geral da Fretilin, Mari Alkatiri, resolveu quebrar o gelo com o seu maior rival político. “Pela primeira vez, desde 2006, telefonei ao primeiro-ministro, Xanana Gusmão, para lhe reafirmar o nosso apoio e solidariedade. Disse-lhe que o ataque foi contra o Estado e que nós estamos prontos a defender o Estado”.

Mari Alkatiri diz ao Expresso que para essa mesma segun-

da-feira e para os dois dias seguintes estava prevista uma discussão entre o Presidente da República, a Fretilin e os partidos sobre o caso Alfredo Reinado. Desde o início que a Fretilin defendia a captura, detenção e julgamento do major e dos seus homens, ao contrário de Ramos-Horta e de Xanana, que foram optando sempre por manter o diálogo.

O antigo primeiro-ministro, que saiu do cargo com a eclosão da crise político-militar em 2006, adianta: “Tudo indicava que esta semana chegaríamos a acordo com o Presidente e com a aliança de outros partidos liderada por Xanana Gusmão para uma política de inclusão, com a criação de mecanismos de alto nível para resolver as questões dos peticionários (desertores

do exército), dos deslocados, da reforma do sector de defesa e segurança e do sector da justiça. Não deve ser do interesse de algumas pessoas deste país um entendimento generalizado”.

Concordando com Taur Matan Ruak, chefe de Estado-Maior das forças armadas timorenses, nas acusações às forças internacionais (“são as principais responsáveis pelo que aconteceu”), Alkatiri acredita que o autor não de um golpe de Estado mas de “um acto aventureiro”: “Ele era instável, presunçoso e sentiu-se muito acima do que podia ser. Quando alguém lidera um grupo com uma causa forte e cai, a causa mantém-no vivo. Alfredo não tinha uma causa. Para mim, morreu duplamente”. M.P.



As acusações de Reinado levaram a Fretilin a exigir explicações a Xanana, em 2007

## Focos de tensão

**Protagonistas, grupos e momentos críticos que poderão desestabilizar o país no futuro próximo**

### GASTÃO SALSINHA

Com a morte de Reinado, o número dois na cadeia de comando torna-se o líder do grupo de 20 homens armados que conseguiram fugir depois dos atentados contra Horta e Xanana. O tenente foi o primeiro rosto da luta dos 600 peticionários que abandonaram o exército no início de 2006 e que deram origem à crise político-militar e humanitária em Timor. Está a monte e é cada vez mais claro que não se vai entregar.

### PETICIONÁRIOS

Dos 600 desertores do exército oriundos dos distritos ocidentais de Timor (loromonos) que contestavam a discriminação feita pelas patentes lorosae (dos distritos da ponta leste), haverá pelo menos 80 a 90 ainda fiéis a Salsinha. Mas estarão prontos para serem mobilizados e engrossarem a fileira dos rebeldes?

### JOÃO BECORA

É um herói de Becora, o bairro mais inacessível de Díli. Líder incontestado da juventude, que o segue cegamente, tornou-se uma espécie de tenente de Reinado. Mais do que Salsinha, João teria o carisma para ser o sucessor natural do major.

### 7-7

A mais violenta das formas de luta em Timor. Os gangues 7-7 não são grupos de artes marciais, ao contrário de outros como o PSHT ou o Korka.

# “Ramos Horta tem sorte em estar vivo”

O director do hospital de Darwin considera que o Presidente de Timor foi muito bem tratado em Díli — primeiros-socorros que se revelaram fulcrais para a sua sobrevivência

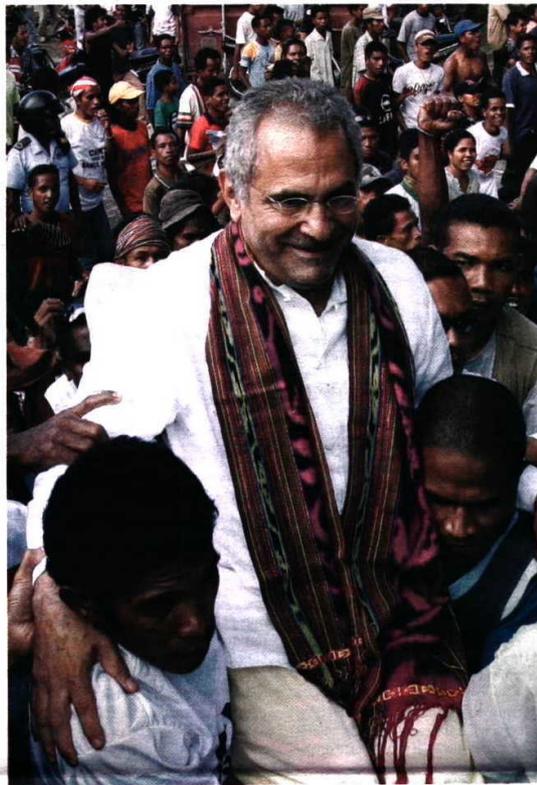
José Ramos-Horta mexeu primeiro os dedos, depois a mão, levantou o braço e tentou desviar do nariz a máscara que o ajuda a respirar. Os familiares mais próximos, que esperam, dia e noite, através de um vidro, o Presidente de Timor-Leste, nem queriam acreditar que quatro dias depois de ter sido alvejado, quando os médicos abrandaram a dose de sedativos, ele tentou falar. Não conseguiu, porque tem na boca os tubos que o alimentam.

Em Darwin, o hospital que recebe Ramos-Horta está cheio de aborígenes australianos cá fora. Passam os dias com olhar vago e perdido, à porta, a fumar cigarros. Lá dentro, os seguranças andam armados. A assessora de imprensa deixa claras as regras. Não se passa da entrada, não há acesso nem à família nem ao «staff» do Presidente. Nem há visitas. Ou quase não há. Peter Cosgrove, comandante das tropas australianas que entraram em Timor, depois do referendo de 1999, foi visitar “um amigo”. Ramos-Horta está insconsciente e, na maior parte do tempo, “profundamente sedado”, não sabe, agora, quem o visita. O general esteve lá. “É um homem forte. A democracia em Timor deu um passo atrás. É preciso insistir”.

Os médicos do Hospital de Darwin marcam uma conferência de imprensa 48 horas depois de Ramos-Horta ter sido internado nos cuidados intensivos. Primeiro fala João Miguel Carrascalão, sobrinho do Presidente. Em inglês, agradece “à GNR portuguesa”, aos médicos e enfermeiros em Díli e em Darwin, aos militares e polícias. Agradece aos “amigos espalhados por todo o mundo, neste momento difícil” e pede que “rezem por ele”. O médico, australiano, Phil Carson, fala baixinho, como se tivesse medo das câmaras. “O Presidente está bem, a recuperar de forma excelente”, diz. “Está num estado grave mas estável, mas já respira sozinho. Foi operado esta manhã (quarta-feira), pela terceira vez para lhe serem retirados os estilhaços”. Para os próximos dias, o plano dos médicos inclui “mais cirurgias”.

A recuperação pode demorar “seis semanas ou seis meses”, mas o médico respira de alívio e sorri, timidamente, outra vez, quando afirma que o Presidente “não vai perder nenhuma função vital”. Sem excessos de optimismo, o médico explica que está a correr tudo bem... se não aparecerem “complicações”.

O director do hospital, Len Notaras, aguarda a vez para falar. “O Presidente



Ramos-Horta durante uma campanha presidencial de Abril de 2007 FOTO ED WRAY/AP

está bem”. Mas a frase que deixa marcas a quem escuta viria mais tarde. “Tem sorte em estar vivo. Foi muito bem tratado em Díli”, remata.

José Ramos-Horta foi corajoso, segundo os relatos dos jornais australianos. Corria na praia na manhã de segunda-feira, como faz habitualmente. Foi avisado, por um diplomata estrangeiro, do cerco à casa onde vive, a uns metros de distância. Recusou a boleia e foi a casa. Estava preocupado com a sobrinha, de 17 anos. Esteve cara a cara com os homens de Reinado. Foi atingido pelas costas. Três disparos. Um passou de raspão. Duas balas ficaram alojadas no corpo do Presidente da República.

Segundo as testemunhas, Ramos-Horta “sangrava muito”. Pegou no telefone. A primeira chamada foi para Taur Matan Ruak, o chefe de Estado-Maior timorense. “Preciso da tua ajuda”, disse o Presidente. A seguir ligou para Natália Carrascalão, a chefe de gabinete

e amiga de longa data, quase família. Vinte e dois minutos depois dos disparos, Ramos-Horta estava numa ambulância, com escolta da ONU, a caminho do aeroporto de Díli. Foi assistido primeiro por um enfermeiro português e, depois, por médicos militares australianos. Já estabilizado, viajou para Darwin. Os médicos indurizaram o coma para poderem ‘trabalhar’.

Cá fora, quatro mulheres timorenses abandonam o hospital. São assaltadas pelos jornalistas. “Somos timorenses, somos católicas, viemos dar o nosso apoio” diz Maria Alice Carrascalão. São ‘refugiadas’ de 1975, quando a Indonésia invadiu Timor. “É uma vergonha. Ele está bem, está descansado e graças a Deus tudo vai correr bem”. “E agora vamos rezar. Rezar muito por ele”.

PEDRO CRUZ  
internacional@expresso.pt

EXPRESSO



## Um país ainda muito frágil

É Timor-Leste um Estado falhado? O Expresso colocou a questão a vários académicos conhecedores da realidade timorense

Aos seis anos de vida, Timor-Leste vive sobressaltos que fazem temer pelo seu futuro. A questão é, pois, pertinente: é Timor-Leste um Estado falhado? “Apresenta uma situação de fragilidade assente em problemas resolúveis, como a alienação, empobrecimento e desemprego dos jovens e o descrédito da classe política”, afirma Mónica Ferro, do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCS). “Seis anos não chegam para cumprir o desenvolvimento ou uma agenda de democratização”.

O constitucionista Pedro Bancelar de Vasconcelos recorda a forma como Timor tem sanado as crises do passado. “Foi sempre num quadro de concertação entre Governo, Parlamento e Presidente que, em 2006, se ultrapassou o colapso das forças armadas e policiais e que, em 2007, se realizaram eleições, sem impugnações ou incidentes e com uma taxa de participação que causa rubor às democracias mais consolidadas do mundo”.

Crítico da expressão ‘Estado falhado’, José Manuel Puzosa, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, diz que “a expressão carrega uma visão profundamente colonial”. Muitas vezes, “é utilizada para legitimar políticas de intervenção de fora para dentro”, diz.

“Muita gente vê a classificação de determinado país como Estado falhado como forma de legitimar intervenções externas”, acrescenta Nuno Canas Mendes, do ISCS. “Há uma série de actores interessados em intervir em missões de «nation-building» ou de «state-building», além das organizações internacionais, Estados, ONG...”

Segundo o último ‘Índice dos Estados Falhados’, publicado na revista ‘Foreign Policy’, Sudão, Iraque e Somália estão à beira da falência: Timor-Leste surge no 20º lugar. Entre os PALOP, Guiné-Bissau é o caso mais preocupante. A pedido do Governo de Bissau, a Comissão de Consolidação da Paz da ONU, que acompanha Estados na iminência de regressarem a uma situação de conflito, começou a estudar o processo de reconstrução pós-conflito.

MARGARIDA MOTA  
mmota@expresso.pt

Dois polícias timorenses vigiam uma rua em Díli, na terça-feira, à medida que um jipe da ONU passa a alta velocidade

FOTO ED WRAY/AP

dou a circular em Vila Verde e em Balide a oferecer álcool e dinheiro aos miúdos, dizendo-lhes que “Alfredo foi traído”. Já na própria segunda-feira, dois pequenos grupos tinham tentado fazer o mesmo. São acções de campanha como estas que podem fazer o caldo entornar. “Os doadores de Reinado são empresários, homens de negócios, políticos. Nunca faltou dinheiro. As fardas com que eles andam foram compradas pessoalmente por alguém que foi a Singapura e as trouxe via Indonésia”, recorda Leandro Isaac. “Os rapazes não se vão render”.

Horas depois de Reinado ter sido enterrado em casa, o seu pai adoptivo, Vítor Alves, revelava ao Expresso que desde terça-feira que o tenente Gastão Salsinha, o número dois do major rebelde, não pára de lhe telefonar. Queria ter a certeza de que o major estava realmente morto. É do luto que os seus homens vão fazer no matto que está suspenso agora o futuro do país.

micalp@expresso.pt

Os seus membros usam alucinógenos potentes e acreditam em poderes mágicos. Quando estão em transe, são capazes de actos extremos (decapitam rivais). João Becora tem o seu próprio grupo 7-7.

### MATAN RUAK

O chefe de Estado-Maior das F-FDL (Falintil-Forças de Defesa de Timor-Leste) está zangado. Criticou publicamente os militares australianos pela falta de capacidade de controlarem os homens de Reinado, permitindo que entrassem em Díli fortemente armados para atacar o Presidente e o primeiro-ministro. Ruak decidiu fazer uma investigação independente aos atentados. Pode entrar na corrida para capturar Salsinha e os outros.

### CERIMÓNIAS FÚNEBRES

Oficialmente, o luto dura um ano, mas as duas primeiras semanas são as mais críticas. Há

sete dias para celebrar as flores amargas e outros sete para as flores doces, com constantes peregrinações à casa de Reinado, em Díli. São esperados admiradores do major vindos de todo o país, aumentando o risco de confrontos. A manifestação que esteve na origem do massacre de Santa Cruz, a 12 de Novembro de 1991, ocorreu no sétimo dia das flores amargas.

### CAPTURA

Os militares australianos iniciaram na quinta-feira a caça aos fugitivos no perímetro montanhoso de Dare, a sul de Díli. O eventual confronto armado, a ocorrer, será a prova de fogo para entender se Salsinha e os seus homens têm o apoio alargado que Reinado dizia ter do seu lado.

### INVESTIGAÇÃO

Com tantos mistérios levantados desde o momento em que os atentados

aconteceram e com várias comissões de investigação a trabalharem ao mesmo tempo, as conclusões tiradas no final podem precipitar posições de força e, eventualmente, ilibar Reinado do papel de carrasco do Presidente, o que reabilitaria a imagem do major junto dos seus apoiantes, que na esmagadora maioria respeitam e admiram Ramos-Horta.

### RAMOS-HORTA

Caso seja vítima de uma septicémia — hipótese cada vez mais remota — e morra, o país entrará facilmente em caos político. Horta foi, verdadeiramente, o fiel da balança do regime nos últimos anos. M.P.